



Arquivo

Atila defendeu as recentes medidas econômicas

Comissão Bancária não toma posição sobre máxi

Da sucursal e do serviço local

A perplexidade geral quanto à maxidesvalorização de 30% do cruzeiro marcou a reunião de ontem, no Rio, da Comissão Consultiva Bancária (Coban), órgão de assessoramento técnico do Conselho Monetário Nacional, integrada por representantes de todos os segmentos do sistema financeiro e de órgãos governamentais.

Com a presença de 18 dos seus 20 integrantes, a Coban não chegou a um entendimento quanto aos motivos que levaram o governo a determinar a medida, e muito menos a uma avaliação dos seus motivos positivos. Também resolveu não formular qualquer proposta no sentido de alterar o atual horário de funcionamento dos bancos.

Ao falar em nome da Comissão, seu presidente e diretor do Banco Nacional, Germano Brito Lira, afirmou que a adoção da máxi demonstra o Estado atual do comando da economia do País, onde as autoridades não podem prever o que fazer, mas sim tomar medidas necessárias à situação de momento. Dessa forma, ressaltou que "aqueles que têm raciocínio claro nesse país não podem afiançar o que fazer hoje, em termos de medidas econômicas".

Na sua opinião, o Brasil não pode mais pensar em projeções enquanto não definir as soluções para os problemas externos, comportamento que também se aplica ao setor empresarial privado, pois "nós, hoje, estamos trabalhando no sentido de ajustar tendências e esses ajustes passaram a ser semanais".

Segundo Brito Lira, toda a reordenação da economia brasileira depende das negociações de empréstimos que estão sendo feitas no momento. Acrescentou, inclusive, que, "se não concluirmos esses acordos, as

autoridades terão de fechar o País para o Exterior, mas isso não implicará que o Brasil vai acabar, graças ao grande poder de recuperação do seu povo".

Pelos motivos apontados, o presidente da Coban considerou indispensável uma coordenação segura da economia brasileira por parte das autoridades governamentais, caso contrário "corre-se o risco de outra valorização cambial".

Para Brito Lira, não existem, ainda, indicadores de redução das taxas de juros internos, e essa tendência só ocorrerá quando forem corrigidos os subsídios que subiram com a maxidesvalorização.

CONTINUAM CRÍTICAS

No entanto, a maxidesvalorização continuou a receber críticas de empresários e economistas durante o seminário "Brasil 83/84-Recessão ou ajustamento" realizado ontem em São Paulo. Mesmo para dois ex-presidentes do Banco Central — Paulo Lyra e Carlos Brandão — a "máxi", aparentemente necessária, precisa de medidas complementares para evitar um forte impacto sobre a inflação. Quem mais condenou esse reajuste brusco no câmbio foi Renato Ticoulat Filho, presidente da Sociedade Rural Brasileira.

"Foi uma medida precipitada, que poderá ter consequências muito graves. Se não for acompanhada de instrumentos corretivos poderá ter apenas efeitos negativos", comentou. Para o diretor da Duratex, Laerte Setúbal Filho, a maxidesvalorização pode provocar efeitos colaterais desagradáveis. "Analiso apenas do ponto de vista do exportador, é preciso reconhecer porém que foi excelente", afirmou.

Paulo Lyra considerou a maxidesvalorização um "mal necessário neste momento mas que pode agravar os problemas de liquidez para as empresas com dívidas externas".